O suplício do Simplício: Faria Neves Sobrinho e o mestre-escola oitocentista.

Carlos Antônio Pereira Gonçalves Filho[1]

Resumo: Este artigo faz uma análise do romance *Morbus,* escrito por Faria Neves Sobrinho (1872-1927), destacando a sua importância como um documento para a história da educação brasileira. A partir do diálogo com outras fontes e a historiografia, a leitura do romance apresenta referências sobre o cotidiano de uma escola primária típica do século XIX com destaque para o professor e sua didática, o espaço da sala de aula e as matérias ensinadas. Para além do seu valor estético, o texto literário fornece indícios sobre os modos de ser e de se comportar de uma sociedade contribuindo para maiores possibilidades de leitura do passado.

Palavras-chave: Literatura Pernambucana, Faria Neves Sobrinho, História da Educação, Século XIX

Abstract: This article analyzes the *Morbus* novel written by Faria Neves Sobrinho (1872-1927) highlighting its importance as a document for the history of Brazilian education. From the dialogue with other sources and historiography, reading the novel has references about the daily life of a typical elementary school of the nineteenth century with emphasis on the teacher and his teaching, the space of the classroom and the subjects taught. Apart from its aesthetic value, the literary text provides clues about the ways of being and behaving in a society contributing to greater possibilities of reading the past.

Keywords: Literature of Pernambuco, Faria Neves Sobrinho, History of Education, Nineteenth Century

Em 1896 o Instituto Benjamin Constant, como então era denominado o Ginásio Pernambucano naqueles primeiros anos republicanos, acolheu o novo professor que deveria se dedicar ao ensino do Latim. Tratava-se de Joaquim José de Faria Neves Sobrinho[2], nascido no Recife, em 1872. O "Dr. Faria Neves", como ficou conhecido nesta prestigiosa instituição do ensino secundário de Pernambuco, havia se graduado em Direito e exercido o cargo de promotor, além de ter se aventurado como deputado estadual e federal. Porém, o "Dr. Faria Neves" ficaria mais conhecido por outra "profissão", a de *homem de letras*. Escreveu poemas, contos, artigos em jornais, uma obra didática e um romance que o tornou mais conhecido, *Morbus*: *romance patológico*. Integrou a Academia Pernambucana de Letras, ocupando a cadeira nº 16, em 1901, mas morreu distante de sua cidade natal, no Rio de Janeiro, em 1927. Faria Neves Sobrinho é pouco lido. Sua obra mais famosa, *Morbus*, só teve, até o presente momento, duas edições: a primeira, em 1898, e a segunda, em 2005, a cargo de Lucilo Varejão Filho, pela Companhia Editora de Pernambuco.

A história de *Morbus* gira em torno de uma família portuguesa que se instala no Recife onde o pai, Sebastião Nogueira, abre um armazém de fazendas. De temperamento difícil, o velho Nogueira não dispensa o uso de impropérios com relação às escravas, à esposa, D. Mência, e ao próprio filho, Bernardo. O clima dentro de casa é sufocante, psicologicamente insuportável

diante daquele homem dominador que tem frequentes ataques de raiva, aproximando-se da insanidade. D. Mência é uma mulher fraca e conformada que procura compreender os acessos do marido em nome da "paz" do lar turbulento. Bernardo, por seu lado, recebe a carga psicológica da família que aliada ao peso da palmatória de seu professor e ao escárnio dos colegas da escola de primeiras letras contribuirá para a formação de sua personalidade frágil, insegura e neurótica. *Morbus* é um romance naturalista. Seus personagens não escapam das determinações hereditárias e ambientais. Nestas páginas de Faria Neves Sobrinho não há espaço para lirismo ou arroubos apaixonados. É um texto que pretende ser mais um "estudo", como o define o próprio autor. (NEVES SOBRINHO, 2005, p. 346).

De toda a produção literária do escritor pernambucano, nos deteremos justamente neste seu "estudo" ou "romance patológico". Nossa análise, porém, não se assentará na estilística de Faria Neves Sobrinho, nem tampouco em sua verve naturalista, ainda que tais aspectos sejam importantes temas de discussão historiográfica. Por esta razão também não abordaremos a obra como um todo, mas sim a parte relativa à instrução de Bernardo na escola de primeiras letras. A preocupação aqui é destacar o valor da leitura de *Morbus* para se perceber a existência de práticas sociais relativas ao mundo escolar da segunda metade do século XIX. Além da documentação oficial normalmente trabalhada pelos (as) historiadores (as) nos arquivos públicos, sabe-se que no processo de compreensão dos modos de viver o cotidiano nos tempos pretéritos, a literatura desempenha um papel importante. Sob o título de *ficção* se escondem gestos, costumes e procedimentos que muitas vezes escapam ao registro dos poderes públicos. Considerando ser a *verdade histórica* uma verdade por aproximação, plausibilidade ou possibilidade das ações humanas no tempo, o texto literário

> dá acesso para nós, historiadores, às sensibilidades e às formas de ver a realidade de um outro tempo, fornecendo pistas e traços daquilo que poderia ter sido ou acontecido no passado e que os historiadores buscam. Isto implicaria não mais buscar o fato em si, o documento entendido na sua dimensão tradicional, na sua concretude de "real acontecido", mas de resgatar possibilidades verossímeis que expressam como as pessoas agiam, pensavam, o que temiam, o que desejavam. (PESAVENTO, 2006, p. 7-8).[3]

Faria Neves Sobrinho não foi o único a incorporar a escola numa trama ficcional. Como se sabe, autores como Machado de Assis, Manuel Antônio de Almeida e Raul Pompeia também o fizeram sendo que, no caso deste último, a escola assume posição central na narrativa. Se nos três autores mais conhecidos, o cenário é o Rio de Janeiro, no romance de Faria Neves será o Recife. Mas tanto nos romancistas cariocas quanto no pernambucano observaremos o mesmo tom crítico com relação a esta escola oitocentista; um certo dissabor por estes mestres e suas posturas autoritárias, pela disciplina rigorosa e pelos castigos impostos. Através de suas obras procuravam atacar ou ridicularizar esta escola que todos eles frequentaram quando eram crianças.

Mas que escola era esta? Podemos dizer que ela se resumia no (a) professor (a) e seus

(suas) alunos (as). Docente e discentes juntos (as) em um mesmo espaço: a sala de aula. Com algumas variações, pode-se dizer que este era o padrão comum das escolas de primeiras letras do século XIX. Aqui a figura central era o (a) professor (a) que lecionava em sua própria residência ou em algum outro imóvel. Em Pernambuco, os (as) professores (as) públicos (as), recebiam uma verba especialmente destinada ao pagamento dos aluguéis, quando assim necessitasse o (a) docente[4]. Por outro lado, essas *casas-escolas* assumiam formas variadas, podendo os (as) alunos (as) assistirem às aulas em salas, sótãos, quintais, ou em "puxadinhos" construídos pelos (as) docentes. (SILVA, 2007, p. 74; FARIA FILHO In: LOPES; FARIA FILHO; VEIGA, 2007, p. 140). Tais situações eram ditadas pelas necessidades ou precariedades da profissão. Mudanças de endereço também faziam parte do viver docente. Fechava-se uma escola numa rua para abri-la em outro logradouro que oferecesse melhores condições físicas e/ou financeiras. Nestas andanças, os (as) alunos (as) seguiam seus (suas) mestres (as), ou, pelo menos, lutavam os (as) docentes para que assim ocorresse.

Esses professores e suas *casas-escolas* aparecem nas obras de dois famosos escritores do século XIX já aludidos aqui. No *Conto de Escola*, de Machado de Assis, o mestre Policarpo lecionava em "um sobradinho de grade de pau", mais precisamente, numa de suas salas no piso superior. (ASSIS, 2007, p. 326). Em *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, a escola funcionava na casa do mestre, situada na "rua da vala, pequena e escura". (ALMEIDA, 1993, p. 46). O pernambucano Faria Neves Sobrinho, portanto, não foge à regra. A escola de Antônio Simplício, o professor de primeiras letras de Bernardo, estava situada numa casa térrea, espremida entre dois altos sobrados da Rua do Aragão, no Bairro da Boa Vista. Simplício, porém, "residia noutro bairro, em Santo Antônio, e todas as manhãs, às oito horas, era o Benedito, um escravo, quem vinha abrir e varrer a casa da escola" (NEVES SOBRINHO, 2005, p. 51). Neste caso, trata-se de um docente que não divide a sua *residência* com a *escola*. Ele tem como separar os dois espaços, talvez em razão de sua casa ser pequena demais para acomodar os alunos, ou por não querer misturar os dois mundos e ter condições de bancar as despesas, ou mesmo, porque foi ali lotado em virtude das necessidades da administração pública do ensino provincial[5]. Era comum que professores (as) públicos (as) fossem removidos (as) para assumirem "cadeiras" em locais diversos motivados (as) por "extinção" de escolas e abertura de novas, ou por solicitação dos (as) mesmos (as). Em suas memórias, Félix Cavalcanti de Albuquerque, que também exerceu o magistério durante alguns anos, não deixou de anotar as remoções de suas filhas e colegas de ofício, Yayá e Lisbella: a primeira, de Igarassu para Olinda, e a segunda, de Olinda para Tracunhaém. (FREYRE, 1989, pp. 88-89; 107).

Vejamos como Faria Neves Sobrinho nos apresenta a escola do professor Simplício:

> No centro da sala comprida e estreita, de cujas paredes sujas de poeira pendiam, caprichosamente suspensas, rente ao teto, complicadíssimas teias de aranhas, alinhavam-se seis ordens de bancos de madeira, desprovidos de encostos, desenvernizados, porém polidos e lustrosos do contínuo roçar das calças dos alunos. Junto às paredes dispunha-se uma fila de longas mesas estreitas, de tampo em declive, que, destinadas à escrita, ostentavam, de espaço em espaço, pequenos furos circulares, de onde emergiam

> os tinteiros, toscos boiões de louça branca, lembrando pela forma os vasos em que se vendem pomadas e ungüentos nas farmácias. A fila rodeava a sala em toda a volta, somente interrompida em três pontos: um, que deixava livre a passagem da sala para o corredor [...] outro, ao fundo da sala, em frente à porta de um quarto escuríssimo e úmido, depósito de jarra de água e de móveis inúteis [...] e finalmente o terceiro, em toda a extensão da parede da frente, franqueada por duas janelas baixas, por onde encontrava ingresso facílimo toda a poeira que o vento fazia turbilhonar na rua. [...] Entre as janelas, ocupando todo espaço entre elas, deitava-se um largo estrado de pequena altura, sobre o qual erguia-se, imponente e dominadora, a mesa do professor Simplício (NEVES SOBRINHO, 2005, p. 49-50).

Toda a *escola* se resume numa "sala comprida e estreita". Neste ambiente se alinham "bancos de madeira desprovidos de encostos". São bancos compridos onde sentam vários alunos. Nessas escolas não havia as "bancas" ou "carteiras" individuais de hoje. Também nota-se a presença de uma mobília auxiliar: uma fila de "longas mesas estreitas" destinadas aos exercícios de escrita (caligrafia), justificando, assim, a presença dos tinteiros. Nos bancos, os alunos escreviam suas lições em ardósias. Esta disposição de bancos e mesas também é encontrada no já citado *Memórias de um Sargento de Milícias*, como se vê no trecho a seguir:

> Foi o barbeiro [pai do aluno protagonista da história] recebido na sala, que era mobiliada por quatro ou cinco longos bancos de pinho sujos já pelo uso, uma mesa pequena que pertencia ao mestre, e outra maior onde escreviam os discípulos, toda cheia de pequenos buracos para os tinteiros. (ALMEIDA, 1996, p. 47)

Na escola de Simplício, as mesas de escrita rodeiam a sala sendo interrompidas por três obstáculos: duas janelas baixas, a passagem do corredor que também dava acesso à sala de aula e uma porta localizada nos fundos da sala que fechava um depósito "escuro e úmido". Entre as duas janelas, elevada por "um largo estrado de pequena altura", se apresentava a mesa do professor, "imponente e dominadora" para os alunos. A disposição das fileiras de bancos em relação à mesa de Simplício também atendia a uma lógica comum à organização destas escolas primárias de então. Sendo a escola a *sala de aula*, não havia a divisão por "séries" ou "anos", como vimos. Independente do nível de aprendizado, os (as) alunos (as) dividiam o mesmo espaço. Contudo, ao ocuparem a mesma sala de aula, os (as) estudantes não ficavam entregues à desordem. Havia uma regra básica a ser seguida: ocupar o banco correspondente ao seu grau ou nível de aprendizado. Quando percebe a chegada do professor em sala, Bernardo, o infeliz herói de *Morbus*, vem "todo mole e trêmulo sentar-se no primeiro banco, o destinado aos que tivessem de prestar exame no fim do ano". (NEVES SOBRINHO, 2005, p. 55). No último banco ficavam os

> meninos da classe mais atrasada, que ainda não escreviam e que procuravam decifrar, apuradamente curvados sobre a carta do A-B-C, os caracteres impressos, que designavam com ponteiros de osso, compridos e rendilhados a canivete. (NEVES SOBRINHO, 2005, p. 59).

Por outro lado, podemos ver nesta organização espacial mais do que uma razão de or-

dem prática. A disposição dos bancos em relação à mesa do professor também indicava a existência de uma hierarquia entre o mestre e seus aprendizes, entre aquele que sabia e aqueles que ainda não sabiam. A hierarquia do saber, do conhecimento, também se fazia presente entre os próprios alunos. Ou seja, quanto mais próximo da mesa do professor mais se era considerado, porque mais perto do saber, do galardão intelectual, ao passo que quanto mais distante, mais "atrasado", mais distante da "glória". Esta geografia nos lembra, de perto, as igrejas católicas onde os lugares mais próximos do altar eram reservados às autoridades e demais "pessoas de prestígio", enquanto que os escravos ficavam em pé, no fundo, quase do lado de fora do templo. Cabia, assim, aos meninos "de trás" se empenhar para passar à frente, serem os "primeiros". Na sociologia escolar esta era a possibilidade de *ascensão social*.

Mas não seria nada fácil galgar os primeiros lugares. Havia dois grandes desafios a serem enfrentados pelos aspirantes aos postos de maior destaque escolar. O primeiro, naturalmente, estava relacionado com os próprios estudos, no aprendizado das lições de escrita e cálculo; o segundo, dizia respeito ao mestre e seus métodos de ensino-aprendizagem. Comecemos por este último. Em *Morbus*, Antônio Simplício se apresenta aos seus alunos usando

> uns óculos de vidros esfumados, de um diâmetro enorme, por detrás dos quais ocultava uns olhos engelhados, de pálpebras avermelhadas, sem pestanas; seu nariz adunco, lembrando o bico de uma águia, de narinas dilatadas pelos contínuos sorvos de rapé que ruidosamente fungava, comprido e rubro, quase tangente ao lábio superior, dava-lhe ao rosto uma fisionomia cômica. E quando a raiva o tomava, num dos acessos freqüentes que o sacudiam todo como uma rajada, os olhos tinham lampejos trágicos, e ainda mais se lhe alongava o nariz, com cambiantes de púrpura e violeta, segundo a intensidade da cólera. Diante desse nariz termômetro tremiam os alunos como juncos. (NEVES SOBRINHO, 2005, p. 60).

A descrição física da personagem revela um tom caricaturesco por parte do autor que se esforça por destacar os atributos fenótipos da personalidade do mestre. O nariz curvo, semelhante a um bico de águia, com suas narinas vermelhas e dilatadas pelo rapé traz um ar de comicidade. Por outro lado, esta caricatura associada a um olhar "trágico" da ira docente causava temor nos alunos. Talvez o rosto de Simplício, salvo pelas narinas dilatadas, remetesse ao do frio e avarento Scrooge, protagonista de *A Christmas Carol*, de Charles Dickens. Tal como o famoso personagem da literatura inglesa, Simplício também é irascível. Ele exerce sua relação de poder através de um leque variado de castigos, como demonstra o trecho abaixo:

> Efetivamente grande rigor exercera o mestre-escola sobre Bernardo, de sorte que, seis anos depois, julgava-o preparado para prestar exame pelas férias. Durante esse tempo armazenara-lhe na inculta inteligência um amontoado de noções decoradas e abstrusas, mas armazenara a seu modo, sem explicações nem exercícios práticos, segundo o seu método de uma exuberante riqueza de penas disciplinares. As prisões em quarto escuro, as máscaras enormes de faces tumefactas e língua pendente, os letreiros às costas, as palmatoadas, os puxões de orelha, as injúrias, os gritos, as longas horas passadas de joelhos e de braços abertos, tudo isto impusera-lhe o professor Simplício, para obter-lhe maior aproveitamento, e, às mais das vezes, por causas mínimas, por futilidades. (NEVES SOBRINHO, 2005, p. 64.).

Apesar de a primeira Lei Geral do Ensino de 15 de outubro de 1827 vincular as punições disciplinares ao método lancasteriano[6], o que valeu, de fato, no dia-a-dia foi o uso da força na escola. Por outro lado, a violência física, como medida disciplinar, não deve ser vista como uma atitude puramente arbitrária por parte dos (as) docentes. Devemos considerar o grau de participação dos pais, ainda mais se considerarmos o costume doméstico de "corrigir" as "faltas" das crianças com pancadas. Nas memórias que escreveu acerca de sua vida escolar no final do século XIX, Paulino de Andrade lembra que suas orelhas eram puxadas muitas vezes por sua mãe durante o tempo em que esta lhe ensinara os rudimentos do A-B-C. (ANDRADE, 1962, p. 47). Em *Morbus*, Sebastião Nogueira, o pai de Bernardo, justifica, perante a esposa, as atitudes do professor Simplício nestes termos:

> – Senhora, os castigos fizeram-se justamente para os vadios e peraltas. Se a senhora está disposta a patrocinar as faltas de seu filho, afirmo-lhe que de minha parte nada obterá neste sentido. Fique certa de uma coisa: sempre que vier azucrinar-me com essas tolices, maior rigor ainda exigirei do Simplício. (NEVES SOBRINHO, 2005, p. 64).

D. Mência, a mãe de Bernardo, deseja proteger o filho das investidas de Simplício. Ao saber, já no primeiro dia de aula, que o objeto de seus cuidados sentiu o peso da palmatória do mestre, ela tenta convencer o marido de que o melhor a fazer seria tirar Bernardo da escola, obtendo, entretanto, a negativa acima. A D. Mência de Faria Neves Sobrinho é uma mãe extremosa, de personalidade fraca e insegura em suas atitudes. Tem medo de tudo. Desde que deu à luz a Bernardo se esforça por livrar o filho de qualquer dano, de qualquer ameaça à sua integridade física e moral. Ensina-lhe os dogmas da Igreja Católica e as rezas, cercando-o de mimos e cuidados por todos os lados. Nas brincadeiras, deixa-o sob a vigilância da escrava e com recomendações explícitas para não deixar o menino fazer nada que pudesse acarretar algum tipo de risco. Por isso, não foi fácil para D. Mência aceitar a decisão do marido de enviar Bernardo à escola, pois

> era um de seus mais ardentes desejos encarregar-se exclusivamente de toda a educação do filho até que, mais avançado em idade, ele fosse cursar as aulas superiores. Era-lhe quase um sacrifício ter de estar afastada de Bernardo longas horas diárias. (NEVES SOBRINHO, 2005, p. 63).

É por isso que ela reluta em enviar Bernardo à escola acolhendo o choro do filho que não deseja sair da segurança do lar materno, pelo qual é denunciada por Sebastião Nogueira:

> – Seja por um minuto, o menino vai hoje à escola. Já no outro dia veio a senhora dizer-me que tal, etc. e mais isto e mais aquilo, e ele cá se foi ficando em casa pegado às suas saias. (NEVES SOBRINHO, 2005, p. 44).

Em outra passagem do romance, Sebastião Nogueira conversa com Simplício sobre o filho:

> – Puxe-me pelo menino, caro mestre!... Não o deixe a rédeas soltas, não o poupe! Nada de desculpas! Não soube a lição, não é? Pois castigue-o, meta-lhe bolos, chame-o ao rego! Faça-me dele um homem. (NEVES SOBRINHO, 2005, p. 63).

A concepção de autoridade na época não estava dissociada do uso da força. A relação *professor – aluno* aqui é hierarquicamente não-dialógica. No livro *Memórias de um Sargento de Milícias*, o professor do protagonista da história era tido como "um dos mais acreditados na cidade" por ter pretensões de latinista e ser especialmente enérgico com os alunos. (ALMEIDA, 1996, p. 47). Em *Morbus* esta situação é amplificada e exaustivamente trabalhada pelo autor que vê na escola uma etapa importante na construção da personalidade neurótica de Bernardo. Por isso, Faria Neves Sobrinho carrega nas "tintas". Na escola de Simplício, Bernardo mais balbucia do que fala. Não tem o direito de dizer o que não lhe é ordenado. A fala é privilégio dos fortes, não dele. É preciso conquistar o direito de *dizer o mundo*; é preciso aprender o que significa ser alguém na sociedade. "Faça-me dele um homem!" – recomenda Sebastião Nogueira ao professor. Aliás, em *Morbus*, são os *homens* que detém o privilégio da fala. D. Mência, a *mulher*, tem sua fala restringida pelo marido. Sua voz é a do lamento, do medo e da desesperação. Na escola, além do professor, são os alunos mais adiantados e os mais fortes e influentes que detém o direito da fala. Incapaz de fazer frente ao grupo, Bernardo, então, sofre aquilo que hoje se denomina pelo termo *bullying*: recebe o apelido de "guenzo", ou seja, alguém "magro, definhado, esquelético" (COSTA, 1976, p. 408) e torna-se alvo de gozações e surras dos colegas e do professor.

Mas se nesta educação pesava o valor da "força", da "autoridade" na construção destes futuros "homens", havia vozes discordantes quanto a todo esse rigor empregado. Mario Sette, por exemplo, anotou estes versos da segunda metade do século XIX:

> Qualquer bichano careta
> abre hoje sua escola
> e de palmatória em punho
> nos alunos bate sola.
>
> E os coitados dos meninos
> por não saberem a lição
> vivem sofrendo castigo
> desta nova inquisição.
>
> Pois que são inquisidores
> os mestres que por aí há
> que julgam que mais ensina
> quem mais nos alunos dá. (SETTE, 1978, p. 291).

O professor Simplício encarnaria o *mestre-escola* padrão da época, avesso a qualquer tipo de modernização da metodologia de ensino e no trato com os alunos. Como dissemos, para progredir na escola, os estudantes enfrentavam o duplo desafio do mestre e das lições. Vejamos,

mais detidamente, estas últimas.

Em *Morbus*, as aulas de Simplício começam sempre com uma reza. Ainda que esta cena tenha sua razão de ser no anticlericalismo declarado de Faria Neves Sobrinho, no intuito de reforçar o "mal" que a influência religiosa teria na formação da sociedade e na obstrução do progresso (SANTOS, 2010), ela também pode indicar uma prática adotada, uma vez que o ensino de "Doutrina Cristã" (católica) fazia parte do currículo. Ao término da oração, os alunos se dirigem à mesa do professor para pegar os cadernos de escrita "onde ia travar-se a engraçadíssima luta da aprendizagem da caligrafia, entre os dedos inábeis e as canetas rebeldes, persistentes em traçar letras garatujadas, de hastes demasiado longas e trêmulas". (NEVES SOBRINHO, 2005, p. 59). Os estudantes, então, iam às mesas de escrita e ficam exercitando enquanto Simplício aproveita para "dormitar". A didática do professor Simplício consistia em

> fazer decorar aos alunos uma quantidade extraordinária de regras e preceitos, que somente considerava sabidos, quando, sem omissão de uma palavra, os discípulos os recitavam, de pé, formando um semicírculo diante de sua mesa, cabisbaixos, braços cruzados ao peito, num tom de voz lamuriento e monótono. (NEVES SOBRINHO, 2005, p. 62)

Em determinados momentos, os alunos repetiam as lições em conjunto; em outros, eles devolviam os "cadernos" com os exercícios feitos para o professor ler e avaliar enquanto aguardavam em seus bancos "segundo as classes em que se dividiam" (NEVES SOBRINHO, 2005, p. 69). Na narrativa de *Morbus* os conteúdos ensinados são o cálculo, a escrita e a leitura. Predomina um ensino mnemônico e repetitivo das "regras" tanto do mundo das letras quanto dos números.

Não é novidade que o currículo das escolas de primeiras letras era diferenciado segundo o sexo das crianças. Ainda que o ler, escrever e contar fossem conteúdos comuns para meninos e meninas, no caso dos primeiros havia um maior aprofundamento, sobretudo na matemática, incluindo operações mais complexas, ao passo que para as representantes do então denominado "sexo frágil" havia a inclusão de assuntos relativos ao "mundo do lar". Desde a primeira Lei Geral do Ensino, de 1827, esta diferenciação já era presente e vinha corroborar as representações que a sociedade tinha sobre *homens* e *mulheres*. Os meninos, uma vez concluída a formação elementar nas escolas de primeiras letras eram encaminhados para a continuidade dos estudos, a fim de futuramente ingressarem no Ensino Superior:

> Por essa época tivera lugar o exame primário de Bernardo, e Sebastião [...] pusera então um cuidado meticuloso na escolha do futuro mestre que tivesse de ensinar-lhe humanidades, e, só de minuciosas informações fora que, a conselhos de Simplício, resolvera-se a entregar ao Vigário a instrução secundária do filho. (NEVES SOBRINHO, 2005, p. 88)

O estudo de humanidades, que incluía o domínio do Latim, era uma prerrogativa necessária para ter aprovada a entrada na Faculdade. Sebastião Nogueira, então, confia o ensino

secundário a um vigário, o que não era de se estranhar, visto que também os padres exerciam o magistério em todos os níveis. Bernardo, com muito custo, irá se formar e conquistará um cargo no Governo da Província. Para as meninas, no entanto, o destino era outro: o casamento.

O professor Simplício não é um profissional da educação no sentido moderno que atribuímos a esta palavra. Sua prática docente está baseada no método de ensino individual onde

> o professor chama sucessivamente para perto de si cada aluno e lhe dá atenção por alguns minutos. [...] Depois, o aluno retorna a seu lugar e se exercita em repetir e em compreender aquilo que o professor acabou de mostrar-lhe. (LESAGE In: BASTOS; FARIA FILHO, 1999, p. 10).

Esta prática ainda estava muito calcada na tradição doméstica, "onde a mãe ensinava aos filhos e às filhas, ou os irmãos que sabiam alguma coisa ensinavam àqueles que nada sabiam" (FARIA FILHO In: LOPES; FARIA FILHO; VEIGA, 2007, p. 140). Com o avançar do século XIX, tal didática foi sendo criticada na medida em que se difundia a necessidade de um uso mais racional do tempo com rapidez de aprendizado e maior *eficiência* para um número maior de alunos. Mas essa mudança não ocorreria de forma brusca. O método individual ainda perduraria por muito tempo, adentrando pelo século XX.

Vencendo esses dois grandes desafios, o mestre e as lições, os alunos obtinham, assim, a aprovação que se fazia mediante os exames finais por meio de uma banca de arguição. Este era um momento muito aguardado por todos: professor, familiares e estudantes. Aguardado por razões diferentes. Para o professor, a aprovação dos alunos significava a sua aprovação como docente competente, o que poderia lhe granjear não só prestígio social, como no caso de Simplício, destacado por Faria Neves Sobrinho, mas também ganhos materiais, já que a legislação pernambucana previa este abono; para os familiares, a aprovação dos filhos confirmaria os "dotes" naturais dos pupilos e também prestígio social aos pais; já para os alunos, a história era outra. Os exames prenunciavam as férias escolares, o descanso dos livros e, sobretudo, dos castigos do mestre-escola. Este é o ponto destacado por Faria Neves Sobrinho. No dia do exame na escola de Simplício, os alunos celebram um "ato solene": "quinze dias antes, conforme o estilo, haviam subtraído uma férula, e, depois de brunida, envernizada, tinham-na trazido em charola, numa salva, lustrosa, espelhante, cintada de fitas, afogada em flores". (NEVES SOBRINHO, 2005, p. 79). Trata-se do "enterro da palmatória" simbolizando o fim dos tormentos, dos estudos e, de certa forma, da figura do professor Simplício. Seria esta cena mais uma imagem literária ou aludiria a uma prática vivenciada por Faria Neves Sobrinho quando freqüentou os bancos escolares? É difícil responder a esta pergunta de forma satisfatória quando não se dispõe de informações mais detalhadas sobre a vida do autor. Sabemos que Faria Neves Sobrinho começou a aprender a ler e a escrever em casa, depois freqüentou três escolas de primeiras letras, dentre elas, a de Simplício Ratis, no Recife. (CHACON, 1986, p. 100). Sim, Faria Neves Sobrinho teve um professor que se chamava *Simplício*, um "velho professor", no dizer do próprio autor. Mas se aquele foi mera coincidência ou fonte de inspiração para o *Morbus* ainda não sabemos. Diante desta carência de dados, o que podemos tentar fazer aqui são algumas ilações. É possí-

vel que o "enterro da palmatória" fosse uma brincadeira conhecida do público leitor, conforme indicaria o início da frase: "quinze dias antes, conforme o estilo..." Sendo ela uma realidade, consistiria numa prática tolerada pelo professor e pelos pais dos alunos que veriam nela uma concessão, uma espécie de "rito de passagem" ou sublimação, dentro, é claro, de certos limites.

Observando as tradições populares de Pernambuco, podemos encontrar nelas indícios de práticas sociais que faziam parte do cotidiano de outros tempos. O carnaval de Olinda, por exemplo, constitui um rico acervo para o (a) pesquisador (a) interessado em descobrir nas "entrelinhas" das brincadeiras o que os seus brincantes querem dizer. No caso aqui em estudo – a relação entre professor e aluno – a história de um folião olindense pode nos fornecer mais um indicativo da existência de práticas sociais relacionadas com o universo escolar. Refiro-me ao ex-telegrafista dos correios, Cândido Maximiano da Cruz (1906-1979). Candinho, como ele era conhecido, foi membro do *Clube Vassourinhas* por mais de cinqüenta anos, clube cujo hino tornou-se um ícone do frevo pernambucano. Candinho começou sua vida de folião muito cedo, mais precisamente aos cinco anos de idade, quando saiu desfilando naquela que é considerada uma das primeiras agremiações carnavalescas de Olinda, a troça infantil *O Bengalinha* formada pelos alunos de Marcolino de Lima Botelho, o mais famoso professor de primeiras letras de Olinda entre as duas últimas décadas do século XIX e as duas primeiras do XX[7].

> Essa brincadeira surgiu porque quando das sabatinas, durante as aulas, se um aluno não desse resposta exata, o professor Marcolino batia com a bengala nos garotos. [...] Nas apresentações da "Bengalinha" a garotada passava em frente da casa do professor Marcolino e tirava o chapéu fazendo o tradicional cumprimento ao tão severo lente. Marcolino não gostava quando a garotada fazia isso, porque sabia que aquela brincadeira fora criada devido sua dureza para com os alunos. (MELO, 1982, p. 50).

O Bengalinha surgiu em 1911, mas teve curta existência. Candinho era aluno de Marcolino e a troça saia da casa de seus pais, na Rua do Amparo. É interessante notar que nas memórias de outro aluno do professor, Paulino de Andrade, é a palmatória o instrumento usado por Marcolino para "corrigir" os discípulos. Talvez o docente tenha adotado a bengala alguns anos depois, de modo que o novo artefato é que lhe dava fama. O desfile de *O Bengalinha* seria uma homenagem e, ao mesmo tempo, uma sátira. Havia a participação dos pais na preparação da festa, o que pressupõe certo controle do que podia e não podia ser feito. Não sabemos se a ideia partiu dos alunos ou dos progenitores, mas de qualquer modo ela não devia interferir muito na relação entre estes e o professor, já que passado o carnaval tudo voltava à normalidade. Não devemos esquecer que Marcolino era um professor bem conhecido e conceituado naquela Olinda de então. Ainda que fosse enérgico em suas atitudes, ele não deixava ser *o professor*, a referência para muitas gerações que passaram pelas suas mãos. Apesar disso, muitos alunos deviam aproveitar o desfile de *O Bengalinha* para "tirar onda" com Marcolino, sabendo que, mesmo tolerando a brincadeira, ele não lhe era um entusiasta. Portanto, o "enterro da palmatória" narrado em *Morbus* pode indicar uma brincadeira vivenciada, talvez, pelo próprio Faria Neves Sobrinho.

* * *

Para Lucilo Varejão Filho que organizou a segunda edição de *Morbus*, "o professor Simplício é um energúmeno e nele parecem haver-se concentrado doloridas e odiadas reminiscências do escritor". (NEVES SOBRINHO, 2005, p. 15). Neste caso, ele nos remete a outro romance famoso do século XIX, *O Ateneu*, de Raul Pompeia onde o odiado diretor Aristarco representa Abílio Cesar Borges, o Barão de Macaúbas. Traduzindo uma memória ou não, *Morbus* apresenta indicações valiosas sobre o universo escolar da época, rastros de um cotidiano rico de experiências. Como vimos, o professor era a figura central e a "escola" funcionava em sua própria residência ou em outro espaço, podendo ser este um cômodo alugado que, por razões de espaço, pudesse acomodar um maior número de alunos. Assim se apresentava a escola de Simplício. Este manifestava seu poder sobre os alunos não só pelo conhecimento, mas também pelo uso autorizado da força e da coerção, como indicam a palmatória e outros meios de punição. Esta postura autoritária guarda, no entanto, ecos de uma determinada maneira de ver a *infância* e a *autoridade* compartilhada, também, pelos pais dos alunos, ainda que não fosse uma unanimidade na época. Didaticamente, o método de ensino predominante era o *individual* e sua organização curricular confirmava a velha diferenciação entre meninos e meninas projetando carreiras igualmente diversas para os gêneros. Simplício é o personagem de um romance e a imagem de um ofício, o de ensinar. É a caracterização de um tipo, de um modelo que persistiria por muitos anos até ser suplantado de vez pelas mudanças operadas na família e na escola ao longo do século XX.

Bibliografia

ALMEIDA, Manuel Antônio de. **Memórias de um sargento de milícias**. São Paulo: Moderna, 1996.

ASSIS, [Joaquim Maria] Machado de. **50 contos**. Seleção, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BELTRÃO, Luiz. **Memória de Olinda**. Olinda: Centro de Estudos de História Municipal, 1996.

CHACON, Vamireh. **Faria Neves Sobrinho ou a consciência de província**. Recife: FUNDARPE, 1986.

COSTA, Francisco Augusto Pereira da. **Vocabulário pernambucano**. 2ª Ed. Recife: Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Pernambuco, 1976.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Instrução Elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (orgs). **500 anos de Educação no Brasil**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. pp. 135-150.

FERREIRA, Luzilá Gonçalves. **Escritores pernambucanos do século XIX**. v. 2. Recife:

CEPE, 2010.

FREYRE, Gilberto. **O velho Félix e suas "Memórias de um Cavalcanti"**. Ed. fac-similar a de 1959. Recife: Massangana, 1989.

GINZBURG, Carlo. **Relações de força**: história, retórica, prova. Tradução Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GONDRA, José Gonçalves; SCHUELER, Alessandra. **Educação, poder e sociedade no Império brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2008.

LESAGE, Pierre. A pedagogia nas escolas mútuas no século XIX. In BASTOS, Maria Helena Câmara; FARIA FILHO, Luciano Mendes de (orgs). **A escola elementar no século XIX**: o método monitorial / mútuo. Passo Fundo: Ediupf, 1999.

MORAIS, Lamartine de. **Dicionário bibliográfico de poetas pernambucanos**. Recife: FUNDARPE, 1993.

MELO, José Ataíde de. **Olinda, Carnaval e Povo**. 1900-1981. Olinda: Fundação Centro de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda, 1982.

MONTENEGRO, Olívio. **Memórias do Ginásio Pernambucano**. Recife: Assembleia Legislativa de Pernambuco, 1979.

NEVES SOBRINHO, [Joaquim José de] Faria. **Morbus**: romance patológico. 2ª Ed. Apresentação e organização de Lucilo Varejão Filho. Recife: Ed. do Organizador, 2005.

PARAÍSO, Rostand. **Academia Pernambucana de Letras**: sua história. v. 1. Recife: APL, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma *velha-nova* história. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**: Debates. 28 de janeiro de 2006. Disponível em: http://nuevomundo.revues.org/1560. Acesso em: 20 set. 2012.

SANTOS, Cristian José dos. **Padres, Beatas e Devotos**: figuras do anticlericalismo na literatura naturalista brasileira. TESE (Doutorado em Literatura e Práticas Sociais). Brasília: UnB, 2010.

SETTE, Mario. **Arruar**: história pitoresca do Recife antigo. 3ª Ed. Recife: Secretaria de Educação e Cultura, 1978.

SILVA, Adriana Maria Paulo da. **Processos de construção das práticas formais de escolarização em Pernambuco, em fins do século XVIII e primeira metade do século XIX**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

Notas:

1 Professor. Mestre e Doutorando em História pela UFPE

2 Os dados biográficos sobre Faria Neves Sobrinhos apresentados neste texto podem ser encontrados em MORAIS (1993), PARAÍSO (2006), MONTENEGRO (1979), CHACON (1986), FERREIRA (2010).

3 Um bom exemplo do uso da literatura como objeto de estudo por parte do (a) historiador (a) está na exegese feita por Carlo Ginzburg da obra *A Educação Sentimental* de Gustav Flaubert, intitulada "Decifrar um espaço em branco". Ver GINZBURG (2002).

4 Em relatório anual dirigido à Assembleia Legislativa, em 1845, o então presidente da província, Thomas Xavier

Garcia de Almeida apresentava a sugestão de não entregar o dinheiro dos alugueis diretamente nas mãos dos (as) professores (as) públicos de primeiras letras, mas sim deixá-lo a cargo do Estado, a fim deste proceder "ao arrendamento das casas para as escolas, a fim de que contenham a necessária capacidade e comodidades, correspondentes ao fim a que se destinam, obviando abusos que nesta parte de praticam". PERNAMBUCO, **Relatório que à Assembleia Legislativa de Pernambuco apresentou na sessão ordinária de 1845 o excelentíssimo Thomas Xavier Garcia de Almeida, presidente da mesma província**. Pernambuco, Tipografia de M.F de Faria, 1845. p. 11. Disponível em: http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/660/ Acesso em: 25 jan 2008.

5 Em relatório de 1859, o então diretor geral de instrução pública da província, Joaquim Pires Machado Portela, considerava que os mestres não deveriam residir no mesmo espaço em que davam suas aulas. O problema era que em vista da "exigüidade de seus ordenados", estes (as) docentes não conseguiam encontrar um lugar a contento, ainda mais tendo em vista os elevados preços dos aluguéis das casas "não só do Recife como em algumas vilas e cidades". Diante do problema, o referido diretor indicava a necessidade de se aumentar a remuneração dos (as) docentes, além da "edificação de prédios adequados às escolas". PERNAMBUCO, **Relatório do Diretor de Instrução Pública, Joaquim Pires Machado Portela. 1859**. p. 6. Disponível em: http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u632/000029.html Acesso em: 17 fev 2011.

6 O método lancasteriano, também conhecido por método monitorial ou mútuo, fez muito sucesso na Europa entre o final do século XVIII e a primeira metade do XIX. Seus criadores, André Bell e Joseph Lancaster aboliram o uso de castigos físicos como medida disciplinar por parte do professor. Sobre o assunto ver BASTOS; FARIA FILHO, 1999.

7 Marcolino nasceu em 1856, na freguesia de S. Pedro Martir de Olinda. Frequentou a Escola Normal Oficial de Pernambuco fundada em 1864 e se dedicou ao magistério até a sua morte, em 1931. Marcolino é o patrono da cadeira nº 9 da Academia Olindense de Letras e dá nome a uma escola e a uma rua na cidade onde viveu. Ver BELTRÃO (1996, p. 157-158)